



REVISTA
Casa da

ISSN 2316-8056

GEOGRAFIA
de Sobral

ESTUDOS AMAZÔNICOS: UMA ANÁLISE DA DISCIPLINA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA PARA A ABORDAGEM REGIONAL EM SALA DE AULA

Amazon Studies: na analysis school subject as a strategy for a regional approach in the classroom

Studios Amazônicos: um análisis de la sujeción escolar como estratégia para um enfoque em el aula

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v26.939>

Antônio de Pádua de Mesquita dos Santos Brasil¹

Everson da Silva Oliveira²

Histórico do Artigo:

Recebido em 07 de junho de 2023

Aceito em 19 de abril de 2024

Publicado em 23 de abril de 2024

RESUMO

As grandes transformações ocorridas na Amazônia, têm sido fruto de debates que envolvem a temática regional, além de exigir uma compreensão de como os processos sociais modificam as paisagens e os modos de vida. Com o objetivo de enfatizar esses fatos, cria-se uma disciplina voltada para a discussão sobre a Amazônia no contexto escolar, com o intuito de abordar questões como os grandes projetos e outros acontecimentos históricos. Nesse sentido, pretende-se aqui fazer um resgate histórico sobre a operacionalização e os caminhos da disciplina Estudos Amazônicos enquanto saber voltado para o debate regional, objetivando investigar o seu contexto de criação, comparar a sua trajetória com a área das ciências humanas, além de compreender as principais discussões propostas por esta disciplina ao longo de sua história, assim como as contribuições trazidas enquanto saber escolar e social na Amazônia. Partimos de um levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas com professores, através das quais constatamos que as temáticas ambientais, culturais, históricas e aspectos físicos estão entre as discussões mais abordadas por este componente curricular na educação básica.

Palavras-Chave: Estudos Amazônicos. Ciências Humana. Interdisciplinaridade.

¹Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade do estado do Pará (UEPA). Email: antoniobrasil2503@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7230-4308>

²Mestrando do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade do estado do Pará (UEPA).

Email: eversonoliveira707@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7584-9744>

ABSTRACT

The great transformations that have taken place in the Amazon since the last century have been the result of intense debates involving regional issues, in addition to demanding an understanding of how social processes modify landscapes and ways of life. With the aim of emphasizing these facts, a discipline was created in the 1990s aimed at discussing the Amazon in the school context, with the initial intention of addressing issues such as major projects and other historical events, in addition to being a knowledge exclusively back to school. In this sense, the intention here is to carry out a historical review of the operationalization and paths of the Amazonian Studies discipline as knowledge focused on the regional debate, aiming to investigate its context of creation, compare its trajectory with the area of human sciences, in addition to understand the main discussions proposed by this discipline throughout its history, as well as the contributions brought as school and social knowledge in the Amazon. We started with a bibliographical and documentary survey, in addition to interviews with teachers, through which we found that environmental, cultural, historical and physical aspects are among the most discussed discussions by this curricular component in basic education.

Key-words: Amazonian Studies. Human Sciences. Interdisciplinarity.

RESUMEM

Las grandes transformaciones que se han producido en la Amazonía desde el siglo pasado han sido el resultado de intensos debates que involucran cuestiones regionales, además de exigir la comprensión de cómo los procesos sociales modifican los paisajes y las formas de vida. Con el objetivo de enfatizar estos hechos, se creó en la década de 1990 una disciplina destinada a discutir la Amazonía en el contexto escolar, con la intención inicial de abordar temas como grandes proyectos y otros hechos históricos, además de ser un saber exclusivamente de vuelta a escuela. En ese sentido, aquí se pretende realizar una revisión histórica de la operacionalización y los caminos de la disciplina Estudios Amazónicos como saber enfocado al debate regional, con el objetivo de indagar en su contexto de creación, comparar su trayectoria con el ámbito de la humanidad. ciencias, además de comprender las principales discusiones propuestas por esta disciplina a lo largo de su historia, así como los aportes traídos como saber escolar y social en la Amazonía. Partimos de un levantamiento bibliográfico y documental, además de entrevistas con docentes, a través de las cuales constatamos que los aspectos ambientales, culturales, históricos y físicos se encuentran entre las discusiones más discutidas por este componente curricular en la educación básica.

Palabras-Clave: Estudios Amazónicos. Ciências Humanas. Interdisciplinaridad.

INTRODUÇÃO

Compreender a região Amazônica em sua totalidade é um esforço que envolve todos os ramos e campos científicos, pela sua diversidade biológica, dimensão, multiculturalidade, dentre outros aspectos que tornam a região um centro de olhares em escala global e um rico e vasto campo de observação e pesquisa científica. Dessa forma, o entendimento do que de fato é Amazônia e o que acontece na região exige uma preocupação que vai muito além de olhares tratando a região como um aglomerado de recursos, elementos naturais e povos tradicionais. A preocupação atual consiste em compreender a Amazônia enquanto um espaço socialmente construído através de um acúmulo de acontecimentos e mudanças históricas, isto é, exige uma análise integrada dos fenômenos socioespaciais (processo de ocupação, inserção de novos sujeitos na região) e como tudo isso reflete na configuração social, econômica e ambiental que se apresenta nos dias atuais.

A inquietação em compreender as mudanças ocorridas no contexto amazônico, sobretudo a partir da década de 1970, levou professores a propor o debate regional no ambiente escolar, considerando que grande parte da população amazônica ainda desconhecia o que vinha acontecendo na região naquelas circunstâncias. Nesse sentido, cria-se uma disciplina escolar voltada para o estudo regional denominada “Estudos Amazônicos”, a qual aqui é problematizada, dialogando acerca dos objetivos, os entraves para a criação e operacionalização da disciplina, discutindo como a mesma se compara com as abordagens das ciências humanas, assim como levantando discussões propostas por esta disciplina ao longo de sua história e as suas contribuições enquanto saber escolar e social na Amazônia.

Para esta análise houve a necessidade do resgate de discursos orais e escritos, assim como teóricos, no que diz respeito ao pensamento e ações voltadas para a efetivação desse componente curricular que tornou-se obrigatório na rede estadual de ensino do estado do Pará, no final dos anos 1990. Sendo assim, temos a preocupação em esclarecer os entraves históricos desta disciplina, em especial aqueles voltados para o plano que propõe uma interdisciplinaridade envolvendo áreas das ciências humanas (História, Geografia, Sociologia), as quais foram os ramos escolhidos para fazer esse debate dentro dos Estudos Amazônicos.

Em termos metodológicos partimos de uma revisão bibliográfica e documental, na qual analisamos principalmente referenciais que discutem o componente curricular de Estudos Amazônicos e defendem a importância da temática regional, como Almeida (2013), Alves (2016), Barros (2016) e Teixeira Jr. (2016), além de documentos que tornam legal e normatizam a prática deste componente curricular na educação básica no estado do Pará, como a Resolução nº 231/98 do Conselho Estadual de Educação (PARÁ, 1998) e Documento curricular do estado do Pará (PARÁ, 2019), documentos nacionais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019). Também realizamos entrevistas com professores da rede pública municipal de Bujaru-PA, no intuito de obter uma amostragem prática para a nossa análise.

O contexto de criação da disciplina Estudos Amazônicos

Os antecedentes da disciplina Estudos Amazônicos remontam ao programa do Ministério da Educação e Cultura (MEC) denominado “Educação para Todos-Caminho para Mudança” (meados da década de 1980), no qual foi averiguada a importância de se incluir as disciplinas História do Pará e Estudos Paraenses entre as que compunham a grade curricular da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC).

Em face de tal demanda, na mesma década, surgiram ideias para se instituir uma disciplina que abrangesse a escala regional, porém, sem deixar de valorizar as abordagens locais do estado do Pará. Ficavam com isso introduzidos os primeiros argumentos que iriam respaldar a origem da disciplina Estudos Amazônicos.

Segundo entrevista concedida a Barros (2016) por Violeta Loureiro, mentora da disciplina Estudos Amazônicos, concretamente a organização do livro “Amazônia estudos e problemas sociais” (década de 1980), figura no rol das primeiras iniciativas que tinham como objetivo refletir a respeito da criação da referida disciplina, cuja obra “foi desenvolvida para professores do Ensino Médio, respectivamente para os professores de Geografia, História e Sociologia, para que temas relacionados à Amazônia fossem disseminados no Ensino Básico.” (p. 37-38).

Oficialmente, a disciplina só passou a existir na segunda metade da década de 1990, através da resolução nº 630/97, aprovada pelo Conselho Estadual de Educação (CEE/PA), em substituição à disciplina Estudos Paraenses. Na sequência, foi emitida a resolução nº 231 de 05 de Maio de 1998, estabelecendo as normas disciplinadoras da parte curricular diversificada do Ensino Fundamental, referente ao Sistema de Ensino do Estado do Pará. Neste aspecto, um dos fatos importante a mencionar está no artigo 5º da referida resolução, ao se perceber que dentre as disciplinas integrantes da parte diversificada do currículo “a temática regional com a criação da disciplina ‘Estudos Amazônicos’ foi o que se sobressaiu sobre as demais”: língua estrangeira, redação e expressão, literatura, educação ambiental, estudos paraenses, informática, desenho, informação profissional, programa de saúde, educação para o trânsito. (ALVES, 2016, p. 45).

É dessa forma que a disciplina escolar Estudos Amazônicos foi criada no Pará, na década de 1990, efetivamente no ano de 1997 e tornando-se obrigatória no Ensino Fundamental II em 1999. Sendo que no transcurso de sua materialização como saber a ser ensino aos alunos, diversos autores têm se manifestado sobre sua importância para o conhecimento regional, a exemplo de Almeida (2013) ao afirmar que a disciplina é um momento em que se pode discutir e conhecer a história e geografia da região, tendo em vista suas funções no contexto de formação do país, justificando-se assim sua grande relevância no currículo das escolas. Essa importância também é defendida por Mourão, Airoza e Santana (2013), que consideram a inclusão dessa disciplina no ensino fundamental como uma oportunidade para o conhecimento daquilo que se trata do maior banco genético do planeta, além de outros temas relevantes no contexto regional.

Em termos de importância social, Barros (2016) considera que a disciplina contribui como resistência às diversas práticas de uso e ocupação do território regional, pois as peculiaridades da região

nos tornam participantes de diversas disputas. Assim entende-se que a existência de uma disciplina que aborde a diversidade da Amazônia, além de fortalecer a identidade dos que aqui habitam com seu próprio território, seja crucial para a compreensão e valorização da região por parte das territorialidades locais.

Porém, mesmo havendo várias percepções sobre a necessidade da inserção de um diálogo regional em sala de aula, verifica-se que a ausência de uma maior preocupação com a organização curricular dos Estudos Amazônicos, configura-se como entrave do processo de criação e operacionalização da disciplina, fato que podemos constatar nos seguintes esclarecimentos de Alves (2016):

Durante os anos 1990 ocorreu uma necessidade de debater o espaço amazônico em sala de aula, mas não houve uma discussão sobre os conteúdos a serem seguidos pelos professores da rede estadual para que ministrem a disciplina, ficando neste sentido um hiato sobre o que seria a história regional e o que acontece nas escolas públicas e particulares no Pará com relação a esta disciplina regional. (p.20)

É nesse sentido que percebemos um dos grandes desafios que percorrem a história da disciplina em questão: trata-se do direcionamento em relação ao que debater em sala de aula sobre a Amazônia, considerando que “os manuais didáticos que foram elaborados nos apresentam múltiplas narrativas sobre o que ensinar em relação à Amazônia” (ALVES, 2016 p.20). Verifica-se ainda que os livros didáticos voltados para a temática regional, em muitos casos, trazem discussões tratando a Amazônia como um acúmulo de acontecimentos históricos, como se os fenômenos e processos ocorressem de forma isolada em determinados momentos históricos na região, faltando um diálogo mais sistemático desses processos, a exemplo de tratar a maneira pela qual os fenômenos refletem no modo de vida dos amazônidas até os dias atuais. Essa lacuna acaba indo de encontro ao objetivo de se trabalhar os Estudos Amazônicos de maneira interdisciplinar, levando professores de Geografia, História e Sociologia a direcionarem os conteúdos para suas áreas específicas de conhecimento, sem contudo promover um planejamento integrado que possa colocar em evidência ações didáticas com decisões coletivas sobre conteúdos, procedimentos metodológicos e avaliação.

Convergências e divergências entre os Estudos Amazônicos e as ciências humanas

Como já dito, a disciplina Estudos Amazônicos foi pensada para inserir em sala de aula um debate interdisciplinar, no qual os profissionais das áreas de ciências humanas (Geografia, História e Sociologia), seriam aqueles indicados a realizá-lo. Em termos de Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, a disciplina ajusta-se na parte diversificada do ensino, destinando-se dessa forma às características regionais e locais da sociedade, além de tratar da cultura, da economia, dentre outros aspectos voltados às questões locais. Nesse sentido:

É importante, então esclarecer que o desenvolvimento da parte diversificada não implica em profissionalização, mas diversificação das experiências escolares com o objetivo do enriquecimento curricular, ou mesmo aprofundamento de estudos, quando o contexto assim o exigir. O seu objetivo principal é desenvolver e consolidar conhecimentos das áreas, de forma contextualizada, referindo-se a atividades das práticas sociais produtivas. (BRASIL, 2002, p. 36- 37).

Já com relação às competências do Estado, a Resolução nº 231/98, do CEE normatiza a presença da parte diversificada do currículo do ensino fundamental no Sistema de Ensino do Estado do Pará, considerando-a como importante para a formação do educando, além de configurar uma variante no contexto escolar:

Art. 4: as atividades, os estudos, os conteúdos e as disciplinas que integram a parte diversificada constituem-se em instrumentos pedagógicos de relevantes valores formativos, o que permitirá por parte do Estabelecimento de Ensino variar seus mecanismos de avaliação que serão definidos em seus Regimentos Escolares (PARÁ, 1998).

Nessa perspectiva, os debates envolvendo a disciplina Estudos Amazônicos partem do princípio da interdisciplinaridade, contextualização e diversidade cultural. A proposta em âmbito estadual sugeria um ensino participativo e eloquente baseado na pesquisa e elaboração de atividades relevantes ao conhecimento, considerando a falta de recursos didáticos para a disciplina, que é um dos grandes desafios para o ensino regional, pois ainda são poucas as produções de materiais voltados para a Amazônia, e menos ainda produções locais, ou seja, trabalhos de autores que de fato vivenciam a realidade da região.

A questão a se discutir diz respeito aos pontos em que esse caráter interdisciplinar contribui ou não no cumprimento dos objetivos da disciplina. Para isso, faz-se necessário promover um resgate do que se busca nas ciências humanas (Geografia, História e Sociologia), no que se refere a objetivos voltados para a escola e para a contribuição social dessas ciências.

Na estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/Ensino Fundamental) a Geografia e a História são apresentadas como áreas de conhecimentos, observando-se os antecedentes históricos de suas formações, as correntes de pensamento, objeto de estudo, conteúdos, metodologia, bem como suas relações transversais com temas a exemplo da Ética, Pluralidade Cultural, Orientação sexual, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo.

Também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) os dois componentes curriculares referidos estão presentes do 1º ao 9º nono ano do ensino fundamental, onde enfatiza-se suas categorias de análise, conceitos, metodologias que estão dispostos em unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades.

No que confere à Sociologia enquanto componente curricular, observam-se similaridades históricas com os Estudos Amazônicos, sobretudo relacionados às dificuldades em se trabalhar um novo

componente. As menções voltadas à sociologia enquanto disciplina se iniciam já em 1890 (FEIJÓ, 2012), mas somente a partir de 1930 acontece a integração efetiva enquanto disciplina científica institucionalizada nos sistemas de ensino e pesquisa (Fernandes, 1977), contando com uma série de idas e vindas durante este recorte temporal.

Até os dias atuais, a história da Sociologia é marcada por periódicas turbulências quanto à sua inserção nos currículos e aplicação prática. Nos movimentos mais recentes, no ano de 2008 o componente se torna obrigatório com a aprovação do PL n. 1.641/03 em tramitação que foi sancionado pelo Presidente da República em exercício José Alencar como Lei nº 11.684 (MORAES, 2011). No entanto, já em 2017 a obrigatoriedade da Sociologia nos currículos da educação básica é retirada, a partir da proposta de reforma do ensino médio, mesmo que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indique que o componente deve fazer parte do currículo.

A Sociologia apresenta-se atualmente no currículo do ensino médio de maneira integrada às áreas das ciências humanas, dentro de uma proposta interdisciplinar neste nível da educação básica. Tal proposta aproxima ainda mais as reflexões entre este componente e os Estudos Amazônicos, considerando o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento como forma de compreender a realidade.

Os Estudos Amazônicos diferenciar-se-iam dos demais componentes voltados às ciências humanas justamente por abordar uma realidade específica, tendo um foco espacial e temporal que o torna único e necessário. Outro fator seria a identidade regional, que deve ser colocada em foco e estimulada a partir de projetos e práticas que visem a valorização da Amazônia e o sentimento de pertencimento por parte dos sujeitos que nela vivem. A proposta seria de uma abordagem regional de forma mais prática e que valorize cada realidade. Trabalhar as vivências é essencial para que o próprio componente possua uma identidade e para que alcance seus objetivos, pois o campo de discussões dos demais componentes devido à sua abrangência, em muitos casos não permitem o diálogo mais específico com a realidade do educando.

Mas como tornar a interdisciplinaridade um recurso que possa agregar as ciências humanas na aplicação do componente curricular Estudos Amazônicos? Ou ainda, é possível levar em consideração exemplos do debate interdisciplinar acadêmico na Geografia, História e Sociologia e utilizá-los no ensino escolar?

Tomemos um exemplo presente na obra “Por uma Geografia Nova” do geógrafo Milton Santos. Ao se preocupar em reconstituir a história da busca da aplicação de uma interdisciplinaridade na geografia, o autor menciona uma primeira etapa denominada de clássica, na qual prevalece relações bilaterais entre a geografia e a história. Uma segunda etapa referida é marcada por um fato considerado

mais negativo do que positivo ao admitir-se a recusa dos geógrafos por aperfeiçoamentos advindos de outras disciplinas. Isso pode ser verificado na observação seguinte:

Vidal de La Blache, fundador da moderna geografia humana francesa, repeliu de forma drástica a proposta de Durkheim para incluir a geografia numa classificação básica das ciências sociais. A ideia de uma morfologia social, isto é, de uma disciplina sociológica particular tratando das modalidades de transformação de sociedade em espaço geográfico, desagradou profundamente a Vidal de La Blache e provocou uma discussão cuja consequência maior foi uma separação prolongada entre geografia e sociologia. (SANTOS, 2004, p. 136)

Daí teria resultado o empobrecimento da geografia, dando ensejo ao nascimento de disciplinas paralelas que estudam aspectos que poderiam permanecer no âmbito da geografia.

A terceira etapa da interdisciplinaridade na geografia emerge no contexto de ampliação do campo das ciências sociais e do domínio das técnicas. “A tecnologia se transforma em história por intermédio das técnicas. E as técnicas são o intermediário entre o grupo humano e a natureza, com o objetivo de modificá-lo” (SANTOS, 2004, p. 136). O espaço como produto da relação sociedade-natureza e objeto de estudo da geografia se organiza a cada evolução da técnica. Nesse sentido, aspectos propriamente sociais que participam da produção do espaço são estudados pela antropologia e pela sociologia.

A geografia crítica inspirada no materialismo histórico e dialético (teoria geral de sociedade) formulada por Marx e Engels, é uma vertente de renovação do pensamento geográfico (MORAES, 2003) que pode servir de ferramenta para aplicação da interdisciplinaridade tanto em termos acadêmicos como escolares. Embora originalmente essa teoria tenha como instâncias a economia, o estado e a ideologia, Milton Santos acrescentou a ela o espaço numa perspectiva de interação com as demais. Nesse sentido, temas da região amazônica que compreendem a formação histórica do seu território, sua economia, cultura, relações sociais e antropológicas, grandes projetos e problemas ambientais, etc, podem ser trabalhados pela Geografia, História e Sociologia. Mas para tanto, é preciso o diálogo entre professores dessas disciplinas no sentido de planejamento interdisciplinar para que assim se possa sistematizar e aplicar os conteúdos de maneira complexa do componente Estudos Amazônicos.

Em realidade, o debate interdisciplinar ainda é um grande desafio, pois se percebe que os conteúdos, assim como os olhares de análise sobre determinado objeto são diferenciados e acabam se direcionando para as áreas específicas de formação de quem ministra a disciplina. Dessa forma, a disciplina pode confundir-se com uma História, Geografia ou Sociologia voltada para um recorte espacial específico e descumprindo seu real objetivo, que seria uma abordagem interdisciplinar que incorpore essas diferentes áreas e não causar ramificações entre as diferentes ciências as quais são atribuídas a discussão da temática regional.

Além da interdisciplinaridade, outra questão que aparece nas pesquisas sobre a disciplina Estudos Amazônicos refere-se aos materiais didáticos. Neste caso aponta-se a escassez de livros e demais recursos como fatores que podem levar a improviso e ao próprio direcionamento das aulas e dos conteúdos para as áreas específicas de cada professor (a) como podemos ver na seguinte citação:

A ausência de livros didáticos para esta área parece fazer com que professores e professoras direcionem seus conteúdos e suas aulas, para as suas áreas de conhecimento, como já dito História, Geografia ou Sociologia... A observação da prática docente dos professores dessa disciplina revela um trabalho a mais, exatamente o de elaborar apostilas para as aulas. Há um processo de tradução de textos acadêmicos sobre temas amazônicos, para uma linguagem mais acessível aos alunos do ensino básico, e isso demanda um tempo de trabalho docente especializado, em pesquisa e escrita (TEIXEIRA JÚNIOR, 2016, p.21).

Para além de acessos a bons recursos didáticos, os professores precisam se integrar na produção e publicação de materiais resultantes dos próprios trabalhos desenvolvidos com os alunos. No entanto, o fato da escola ainda se pautar pelo conteudismo, acaba suprimindo tempos que poderiam ser utilizados em metodologias mais participativas, motivando a identificação e propostas de resolução de problemas históricos-geográficos-sociológicos presentes nos objetos de conhecimento da disciplina Estudos Amazônicos.

Por outro lado, a não valorização da pesquisa na disciplina ainda é mais patente, quando o mesmo autor acima mencionado assinala que em vários casos “são profissionais de outras áreas que assumem os ‘estudos amazônicos’, pois, há uma ideia muito presente, de que essa área é ‘fácil’. É ‘matéria decorativa’...” (p. 21). Nesse sentido, evidencia-se negligenciamento com a disciplina, fator que torna o debate sobre o estudo regional simplificado, pois a orientação teórica em determinar que a abordagem seja feita por professores das áreas de ciências humanas é descumprida na prática e, em muitos casos, são professores de matemática, linguagens, pedagogos, dentre outros que ministram a disciplina, comprometendo ainda mais o alcance dos seus objetivos.

Em sua essência, os objetivos dos Estudos Amazônicos tratar-se-iam de discutir aquilo que no sistema de ensino está “fora do alcance” das disciplinas de ciências humanas, devido a fatores como a pequena carga horária destinada a essas áreas, além dos próprios currículos pouco apontarem para abordagens mais locais. A importância de se ter uma disciplina que aborde o contexto regional está na análise da própria realidade, que, em muitos casos apesar de ser vivida é pouco compreendida pelos educandos e a partir disto promover o conhecimento do papel social dos mesmos, visando uma formação cidadã.

O que se fala da Amazônia na disciplina Estudos Amazônicos?

Uma das questões mais relevantes envolvendo a análise sobre os Estudos Amazônicos, diz respeito àquilo que é discutido ao longo dos anos no ambiente escolar, pois além de poder avaliar se de fato os objetivos para os quais a disciplina foi criada estão sendo alcançados, permiti-nos uma compreensão do que de fato são os Estudos Amazônicos na prática.

A pluralidade envolvendo o termo “Estudos Amazônicos”, já nos revela indícios de que muitos são os objetos a serem estudados dentro de um recorte espacial específico, assim como são múltiplos os olhares e práticas de ensino entre as diferentes áreas e profissionais que fazem essa abordagem. Dessa forma, verifica-se que tanto o perfil profissional, como as respectivas áreas dos ministrantes, materiais disponíveis, são fatores condicionantes na prática da disciplina, principalmente no que refere à escolha de conteúdos e formas de se abordar questões voltadas à temática regional.

A proposta interdisciplinar com diversas formações profissionais “aptas” à trabalhar a temática regional, a ausência de uma base curricular comum a ser seguida (no caso de muitos municípios), além da falta de materiais produzidos para distribuição entre as escolas, assim como o acesso desigual a outros recursos por parte dos docentes (livros produzidos para venda, aparatos tecnológicos...), fazem com que os Estudos Amazônicos ganhem múltiplos perfis em sua prática.

Todavia, existe uma polarização da disciplina entre a Geografia e a História, por serem as áreas mais comuns e preferenciais na escolha dos docentes para ministrar os Estudos Amazônicos. Dessa forma, em muitos casos, a prática da disciplina é tida ou vista como um complemento a nível regional de conteúdos pertinentes a estas referidas áreas do conhecimento.

Com a preferência dos professores de História e Geografia, observa-se uma polarização da disciplina de Estudos Amazônicos, acarretando a complementação daquilo que não foi possível ser trabalhado como matéria em História e Geografia, distanciando-se da real proposta da parte diversificada que almeja estabelecer uma conexão com os aspectos regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia dos educandos (BARROS & LANCHETA, 2016, p.82).

A vantagem que assumem a História e a Geografia em relação aos conteúdos abordados na disciplina Estudos Amazônicos, pode ser verificado nos próprios livros didáticos criados desde a década de 1990. Temas sobre a história da região ou discussões voltadas para aspectos geográficos são mais presentes, muito em decorrência das próprias características originais dessas áreas de conhecimento, bem como do processo que resultou na configuração regional atual, marcado por uma série de acontecimentos que periodizam a história da Amazônia. Isso pode ser observado nos comentários de Alves (2016) quando diz:

A proposta da disciplina ‘Estudos Amazônicos’ possui um recorte temporal e cronológico que privilegia os aspectos geográficos, sociais e econômicos da História recente da região

amazônica, por exemplo, o livro “Amazônia: história e análise de problemas”, a autora elege como debate central o período da borracha e a intervenção federal com a construção das rodovias nos anos 1960 para construir sua narrativa didática, pois, neste período há a mudança de lógica de desenvolvimento do Estado do Pará, estes foram dois momentos significativos que na concepção de Violeta Loureiro, o professor que ministra esta disciplina possui um olhar mais atento a determinadas questões regionais da região, por este sentido, ao fazer a seleção dos conteúdos no livro didático a autora privilegiou determinados temas que são na sua concepção os conteúdos significativos para serem utilizados nas aulas desta disciplina (p.52)

Também a temática ambiental é uma das mais discutidas nos Estudos Amazônicos, desde que a disciplina foi criada, devido às próprias circunstâncias nas quais surgiu. Ressalta-se que a partir da década de 1960, a Amazônia começou a tornar-se uma região em desenvolvimento e desde então vários acontecimentos ocorreram de forma concomitante ou seguindo uma linha cronológica, como a implantação de rodovias, projetos econômicos, que começaram a modificar com mais intensidade as paisagens e conseqüentemente, causando danos ambientais e tornando esses problemas mais presentes no contexto da região. Sendo assim, os órgãos estaduais voltados para a educação começaram a colocar em pauta as discussões direcionadas para a educação ambiental de forma simultânea a criação da disciplina Estudos Amazônicos.

Ressalta-se ainda que no bojo desse processo de transformações pelos quais a Amazônia passava, a disciplina Estudos Amazônicos surge com o propósito de enfatizar questões relacionadas aquela realidade e eventos de um passado próximo e seus reflexos naquele contexto atual (década de 1990). Nesse sentido, outra temática muito relevante, era a questão econômica na região, fortalecida a partir dos grandes empreendimentos econômicos, construção de rodovias e iniciativas estatais de modo geral, que antecederam esse período. É dessa forma que a ênfase ao presente, assim como a relação desses eventos com a realidade da década de 1990, embasam os livros didáticos elaborados nesse contexto.

Percebemos que os livros didáticos regionais que foram publicados nos anos 1990 no Pará, apresentam duas ordens de narrativas que são: a urgência do presente e a relação passado/presente. Os professores/autores que escrevem as narrativas didáticas no Estado do Pará apresentam uma nova perspectiva de história a ser ensinada, portanto, eles constroem a partir de um determinado ponto de vista um lugar de memória a ser sedimentado nesta escrita regional, fazendo emergir nesta narrativa escolar a presença da diferença, do outro, sendo conformado a partir das novas relações sociais trazendo aspectos e fatos que nos permitem compreender a história recente da região amazônica no espaço escolar (ALVES, 2016,p.32)

Ainda segundo Alves, são as transformações pelas quais a Amazônia vinha sofrendo nas últimas décadas que incentivou professores que participaram da criação desses manuais didáticos a pensarem a disciplina de Estudos Amazônicos, percebendo a necessidade de se debater as novas relações socioespaciais que ocorriam no contexto da região.

É evidente que a base de discussões iniciais na disciplina está constituída nos acontecimentos históricos, principalmente os que ocorreram a partir da década de 1960, que serviram de pauta para a criação dos primeiros manuais didáticos para os estudos regionais. Isso constitui-se como um dos fatores primordiais na referida polarização dos Estudos Amazônicos entre a História e a Geografia, pois a disciplina é inaugurada visando uma relação entre o passado e o presente, fundamentada em acontecimentos históricos e transformações socioespaciais, que podem ser tratadas como questões exclusivas ou de maior aproximação com as referidas ciências. Nesse sentido:

É de fundamental importância os estudos históricos e das ciências geográficas para a compreensão da Amazônia. Porém, talvez seja necessário criar uma identidade própria para a disciplina e não apenas entendê-la como complementação de outras áreas de ensino, trabalha-la de forma interdisciplinar ou até mesmo de forma transversal (BARROS, 2016, p.43).

As temáticas sociais, econômicas e ambiental, ainda são questões que baseiam os Estudos Amazônicos até os dias atuais, apesar de já existir um fortalecimento da ideia de se abordar a diversidade, as culturas locais e trabalhar a partir de uma perspectiva que vise uma formação cidadã. Sendo assim, é perceptível um certo atraso ou um movimento lento de mudanças em relação a teoria e prática da disciplina desde a década de 1990 até o presente momento, pois apesar de já terem sido criadas diversas coleções de livros voltados para a temática regional, o acesso a esses materiais ainda é muito limitado, fazendo com que as novas propostas não alcancem a prática e a disciplina permaneça pouco alterada.

O Documento Curricular do Estado do Pará (GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 2019) recentemente apresentou uma proposta que apesar de sustentada na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019), traz importantes encaminhamentos para a discussão regional e para a disciplina de Estudos Amazônicos, que não eram garantidos no referido documento nacional. O documento estadual propõe a interdisciplinaridade e a contextualização para ampliar a interação entre os diferentes componentes e suas respectivas áreas de conhecimento. O lugar, a região, a vida social, o sujeito e a identidade são as questões mais destacadas nessa proposta de currículo para a disciplina, que é dividida em eixos e subeixos e organizadas como objetivos de aprendizagem e habilidades para cada ano escolar (assim como na BNCC).

No entanto, ainda deve-se considerar a dimensão nacional da Amazônia e do próprio Estado do Pará, que se traduz em múltiplas realidades e particularidades, que podem não serem atendidas por um documento pensado em uma perspectiva mais ampla. Considerando que muitos municípios do estado do Pará não possuem um currículo próprio e se baseiam em documentos estaduais, a disciplina pode apresentar uma visão equivocada do que é o lugar e as características locais

para os diferentes sujeitos e nos diferentes espaços ou abordar objetos de conhecimento que não condizem com cada sujeito e cada sociedade.

O quadro abaixo apresenta o resultado de entrevistas com professores da rede pública municipal de Bujaru-PA, sobre as temáticas que consideram relevantes e costumam discutir em suas aulas. Por motivos éticos os identificamos por A, B, C, D e E:

Quadro 2: Entrevistas realizadas com professores do componente curricular de estudos amazônicos.

PROFESSOR	FORMAÇÃO	Quais temáticas você costuma discutir nas aulas de Estudos Amazônicos?
A	Geografia	<i>Procuro abordar questões ligadas às diferentes culturas, os acontecimentos que foram importantes no processo de formação do território que hoje é a Amazônia, os impactos ambientais, etc.</i>
B	Geografia	<i>Os aspectos físicos da região Amazônica, a importância dos rios, dos recursos da floresta, da fauna e da flora e de todas as riquezas presentes no nosso território.</i>
C	História	<i>Os diferentes povos, culturas, eventos históricos como a Belle Époque, os grandes projetos econômicos implantados na região, dentre outros aspectos, como a manutenção das tradições, o folclore...</i>
D	Geografia	<i>Busco retratar as diversidades sociais, econômicas e culturais, as particularidades de cada lugar, pois é importante trazer essas discussões para a realidade em que o aluno vive para que a aprendizagem seja eficaz. É importante mencionar os diferentes povos e a importância de cada um na região, os marcos históricos-geográficos que fazem parte do contexto da Amazônia, o contexto de ocupação até os dias atuais...</i>
E	Pedagogia	<i>A história da Amazônia, por quem e por quê a região foi ocupada, a cultura, os saberes, as características da região e dos seus diferentes povos.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Esta pequena amostragem nos apresenta pontos fundamentais: primeiro o fato de ainda persistirem os debates voltados aos acontecimentos históricos, sobretudo aqueles que eram evidentes no contexto de criação e operacionalização da disciplina, que de fato são importantes e devem ser discutidos, mas não mais como temáticas centrais nos dias atuais. Percebe-se ainda que as temáticas variam entre os profissionais que possuem formações distintas, também considerando que o município

em questão não possui um currículo próprio. Nas entrevistas também não identificamos nenhuma referência às cidades ou aos espaços urbanos, o que nos leva a crer que a Amazônia na maioria das vezes é associada a um aglomerado de elementos naturais. E por último, constatamos uma polarização principalmente em relação a Geografia, mas também considerando a História como área de formação dos professores escolhidos para fazer essa abordagem, além da presença de outros profissionais que descaracterizam às temáticas que se propõe para este componente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática regional tornou-se relevante no momento em que observou-se um processo de transformações contínuas no que corresponde a dinâmicas socioespaciais na Amazônia. Nesse sentido, criou-se uma disciplina escolar comprometida em estudar a história e a realidade da região a partir de uma perspectiva interdisciplinar, visando a Geografia, História e Sociologia, como ciências capazes e mais adequadas a promover esse debate no contexto escolar.

Observa-se que a polarização existente sobretudo entre a Geografia e a História, comprometem diretamente a proposta interdisciplinar que se pretende nos Estudos Amazônicos e fazendo com que a mesma ganhe múltiplos perfis na sua prática. Sendo assim, vê-se a necessidade de se atribuir mais autonomia à disciplina, dar-lhe um perfil próprio, que não se confunda com uma história regional ou geografia regional.

Por parte dos professores, a disciplina muitas vezes representa um complemento de carga horária e é vista como dificultosa, principalmente pelo acesso limitado a materiais didáticos para a área, que em muitos casos faz com que as aulas sejam “improvisadas” ou direcionadas às áreas específicas de formação de cada profissional. Diante disso, é necessário repensar questões relacionadas a teoria e prática dos Estudos Amazônicos, como, por exemplo, a formação continuada dos profissionais que ministram a disciplina, o que seria indispensável para uma atuação específica com a temática regional, considerando que nos cursos de graduação em Geografia, História ou Sociologia, as abordagens voltadas para a região são bastante limitadas.

É notório uma compatibilidade da disciplina Estudos Amazônicos, com as ciências humanas, sobretudo no que se refere à prática social e os seus objetivos de formar um cidadão que seja capaz de olhar criticamente a sua própria realidade, entender o seu papel social no espaço de vivência e a importância desse espaço local no global. Tais peculiaridades deveriam corroborar na prática para que tais ciências contribuam de maneira efetiva com esta disciplina, a fim de cumprir aquilo que é proposto desde a sua criação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel Valter. **A disciplina intitulada estudos amazônicos constituindo-se como mais um espaço para o conhecimento geográfico em sala de aula**. In: Peru: ANAIS DO ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA-2013 (Versão Digital).
- ALVES, Davison Hugo Rocha. **Contando a história do Para: a disciplina 'Estudos Amazônicos' e os livros didáticos (1990-2000)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- BARROS, Renan G. N. **A Disciplina de Estudos Amazônicos e a Formação de Professores do Ensino Fundamental: uma experiência no município de Marabá-PA**. Dissertação de mestrado em Educação, Arte e História da Cultura- 159 p. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016.
- BARROS, R. G. N. & LANCHETA, A. B. L. **A formação do professor de estudos amazônicos: Interdisciplinaridade em questão**. Revista @mbienteeducação. Universidade Cidade de São Paulo Vol. 9 . nº 1 jan/jun, 2016 - 78-91.
- Brasil**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 108 p
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, 2002.
- _____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular_ Versão final. 581 p.
- _____. Documento curricular do estado do Pará. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Documento aprovado pelo Conselho Estadual de Educação do Pará nos termos da Resolução nº 769, de 20 de dezembro de 2018. 2ª ed. SEDUC, 2019.
- FEIJÓ, Fernanda. **Breve histórico do desenvolvimento do ensino de sociologia no Brasil**. Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 133 – 153, jan/jun. 2012.
- FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. – 19. ed. – São Paulo: Annablume, 2023
- MORAES, Amaury. **Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 85, p. 359, set. – dez. 2011.
- MOURÃO, L; AIROZA, L. O; SANTANA, S. A. **A disciplina estudos amazônicos e o ensino fundamental em escolas públicas paraenses**. Anais 3º Workshop Internacional de História do Ambiente. Florianópolis, 26 de novembro de 2013.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- TEIXEIRA JÚNIOR, T. **Ditos e escritos sobre os estudos amazônicos, no ensino básico, do estado do Pará**. Bilros, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 13-24, jul.- dez. 2016.